

LÍNGUA E CULTURA: CONTATOS E CONSEQUÊNCIAS

Elecy Rodrigues Martins (UERR)

martinser@ig.com.br

Nilmara Milena Gomes Maran (UFRR)

nilmara_milena@hotmail.com

1. Introdução

O estado de Roraima é localizado na Região Norte do país, possui tríplice fronteira, tendo como limites a Venezuela (a norte e oeste), Guiana (a leste e norte), Pará (sudeste) e Amazonas (sudeste e oeste) e ocupa uma área de 225.116,1 km² (FREITAS, 2001). 11% da população é indígena (maior em percentual do Brasil-IBGE/2010) e representada pelas etnias macuxi, taurepang, ingarikó, wapixana, yanomami, maiongong, yekuana, taurepang, patamona, waimiri-atroari. Além dessas características, possui um histórico de formação com base na migração. Aqui se estabeleceram pessoas de todas as regiões do Brasil, e estrangeiros como venezuelanos, guianenses, bolivianos, cubanos e muitos outros.

Diante de suas características geográficas e da influência de tantos povos, Roraima possui uma expressiva multiplicidade cultural. Nesse contexto é comum que haja embates linguísticos e culturais, já que constituímos uma arena com itens conflituosos como culturas e línguas diversas, a posse da terra, os interesses pessoais, sociais, econômicos e políticos mediados pelo poder. A diversidade aqui existente viabiliza a exposição de questões como contato entre línguas, variações linguísticas, questões identitárias, entre tantas outras, marcando a língua, nesse contexto, como cultura e poder.

Cultura é tema extenso, diverso e abrangente, que suscita estudos em diversas áreas das ciências humanas, pois no seu esteio estão os mais variados aspectos da condição humana. Não são poucos os estudos que tentam esclarecer e entender os atritos sociais, as dúvidas e curiosidades que permeiam o assunto. Dentro desse vasto campo, há outro também muito vasto: a língua. Baseando-se nesses dois temas, abordarei algumas relações entre esta e aquela, alguns temas decorrente dessas relações e seus reflexos nas línguas indígenas em Roraima.

2. Língua e cultura

Para Santos (1994), a cultura é o resultado de uma história em particular e também das relações com outras culturas. Cada realidade cultural tem sua lógica interna e para entendê-la é preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos.

Dentro deste amplo campo de estudo, há questões intrigantes a serem analisadas. Por exemplo, o quanto a cultura influencia a linguagem? Qual a reciprocidade existente neste processo, e quais as relações entre língua e ambiente? Estudos diversos tentam explicar fatos desta natureza. Mas, como se pode prever, esse é um campo vasto e sempre haverá novas discussões a cerca do assunto. É certo que há influências, mas essa a mensuração acredito ser impossível, como quase tudo nas ciências humanas. No léxico, esta interferência se torna mais visível. Como exemplo, nos lugares onde nevar faz parte dos regimes climáticos, a neve possui várias denominações: powder, crud, crust, slush, icy, enquanto para regiões que não possuem estas características climáticas, neve é simplesmente neve. Sapir (1969, p. 43) afirma que o ambiente influencia a cultura humana, mas é inconcebível que um indivíduo seja suscetível a influências ambientais sem a corroboração de influências de outra espécie. Desta forma, pode haver relações entre ambiente, cultura e língua, mas elas não são autodeterminantes, pois há muitos outros fatores que atuam em conjunto. Este mesmo autor complementa que, a língua é um complexo de símbolos que reflete todo o quadro físico e social de um grupo humano; enquanto o ambiente físico só reflete na língua na medida em que atuaram sobre eles as forças sociais (p. 45). Então, no caso das denominações da neve, estas precisam ser úteis para sociedade, caso contrário, tantas denominações para o mesmo item seriam desnecessárias.

Estudiosos que defendem a etnossintaxe, definida como o estudo das conexões entre cultura e os recursos morfossintáticos e semânticos de uma língua, apontam relações entre cultura e língua, defendem ainda que podem ser encontrados dispositivos gramaticais relacionados à simbolização de culturas específicas. Defendem também que, ao adotar essa visão, é preciso encontrar uma maneira de descrever significados culturais, que podem ser coerentemente relacionados à dizeres gramaticais (ENFIELD, 2002).

Há fenômenos linguísticos que podem estar ligados de alguma forma a fatores culturais a exemplo, os aspectos morfológicos e sintáti-

cos. Em geral, as línguas apresentam marcação de caso⁶⁸ como nominativo-acusativo⁶⁹ e ergativo-absolutivo⁷⁰, sendo este último mais raro, pois de acordo com Dixon (1994) estima-se que apenas ¼ das línguas do mundo mostram ergatividade morfológica intraoracional. Comrie (1989) aponta que não são dois os sistemas de marcação de caso das línguas, mas cinco⁷¹. Há também, línguas que apresentam classificadores⁷² como característica. Para Sapir (1969, p. 26), “a língua é, antes de tudo, um produto cultural ou social (...). Melhor do que qualquer outra ciência social, a linguística evidencia (...) a possibilidade de um estudo verdadeiramente científico da sociedade”. Com base nesta afirmação, tratarei de alguns aspectos sociais da língua, no contexto roraimense, mais especificamente, como se assentaram os contatos linguísticos e culturais entre os falantes das várias línguas aqui existentes.

3. Os primeiros contatos

De acordo com Oliveira (2008), no século XVII, a região por ele denominada Amazônia Caribenha já despertava os interesses daqueles que seriam os seus colonizadores. Por aqui já andavam os holandeses que, em busca de fomentar seu comércio, mantinham relações de negócio com os ameríndios. Ingleses e espanhóis, também com os mesmos interesses, passaram por essa região. Mas, os portugueses, que tinham por di-

⁶⁸ Forma de estabelecer a relação entre o verbo e seus argumentos (sujeito e objeto) Dubois et alii (2004, p. 99)

⁶⁹ Em língua acusativa ou acusativa-nominativa, os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos são tratados de forma semelhante. É o caso do português ou do inglês.

⁷⁰ Língua ergativa ou ergativo-absolutiva é aquela que trata de maneira semelhante o objeto de um verbo transitivo e o sujeito de um verbo intransitivo, ao passo que distingue a ambos do agente de um verbo transitivo, como o basco, o georgiano. (DIXON, 1994)

⁷¹ Não são apenas dois tipos de marcação de caso, mas cinco:
I- grupos de sistema nominativo-acusativo S e A (nominativos) juntos contra P (acusativo)
II- grupos de sistemas ergativo-absolutivo S e P absolutivo contra A (ergativo).
III- o sistema neutro – mesma forma para todos três primitivos
IV- tripartite- casos distintos para cada uma das três primitivas.
V- agruparia A e P juntos contra S. Comrie (1989)

⁷² Para Senft (2000) classificadores consistem em um sistema léxico-sintático com função linguística de categorização dos nomes. Esse sistema possui uma clara motivação semântica, características morfossintáticas e pragmáticas específicas. Os classificadores encontram-se numa posição interdiária em continuum de gramaticalização.

reito coloniza-la, aqui se estabeleceram e, para isso, utilizaram métodos que subjogavam as culturas dos povos dominados, e isto, como em todo restante do país, foi decisivo para estabelecer o poder vigente.

Veras (2009) explica que, para frear o avanço holandês, inglês e espanhol pelo vale do rio Branco no sentido norte para sul, e limitar o acesso ao grande rio Amazonas, o governo colonial estabeleceu estratégias de ocupação que determinavam a instalação de missões religiosas para catequizar os índios e a construção do Forte São Joaquim, localizado na confluência do Tacutu, no ponto de junção deste rio com o Uraricoera para formar o rio Branco, já que esta era uma posição estratégica de defesa, pois permitia controlar o acesso de outros através do rio. Ao redor desse forte foram instaladas aldeias compostas por índios de várias etnias para assim, formarem fronteiras vivas. Mais tarde, viabilizaram o estabelecimento das fazendas nacionais, com o objetivo de estimular a ocupação das terras e incentivar atividades econômicas que contribuíssem para atração e permanência de novos fazendeiros. Todas estas ações políticas desencadearam contatos e interferências culturais e até a dizimação de povos, já que nesse processo, etnias inteiras desapareceram, como paravilhanas e parucotó (Cf. FREITAS, 2001, p. 31).

Mais adiante, a migração foi outro fator que proporcionou contatos e interferências culturais. Destacam-se neste sentido as décadas de 1960 a 1980, pois foi nessa época que, utilizando-se das políticas desenvolvimentistas nacionais, mas com o intuito povoar Roraima com eleitores, os governos financiavam a migração de pessoas de todos os estados da federação, com destaque as populações pobres do Nordeste. Freitas (2001) diz que para ocupar as terras, as pessoas vieram de diversos estados, notadamente do Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Amazonas, Pará, Rio Grande do Sul, Paraná e Rondônia. Esse período comportou um crescimento populacional significativo e também o crescimento das atividades comerciais impulsionadas pelo garimpo de ouro e diamante. A busca por ouro e diamante causou e ainda causa inúmeras querelas entre índios, não índios e entre os próprios garimpeiros, e nesse processo, não são poucos os conflitos gerados devido às inúmeras diferenças culturais e interesses econômicos e sociais.

4. Contatos e consequências

No Brasil, é comum, tratar índios de forma unificada, como um povo, mas é de conhecimento de quem tem interesse por estudos dessa

natureza, que temos uma grande variedade de etnias, com línguas e culturas, histórias e principalmente com necessidades diferentes.

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofias peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem línguas diferentes (RODRIGUES, 1986, p. 17).

O fortalecimento cultural dos povos indígenas e de suas línguas é uma das grandes preocupações de muitos estudiosos. Há um forte movimento em prol desse intento. Os próprios índios, já letrados e politizados, estão engajados em movimentos políticos voltados para seus interesses. Em relação à língua, há grande preocupação, pois a cada dia nota-se o quanto se perdeu o que ainda pode-se perder devido à falta de ações que minimizem essas perdas. Desta forma, os estudos linguísticos voltados para esse intento são estimulados e apreciados pelo mundo científico.

Hoje, os índios carregam grande responsabilidade na composição da identificação brasileira, pois o Brasil é terra multicultural e “esta característica está em parte, sobre os ombros indígenas⁷³” daí surgem cobranças pela identificação cultural e linguística próprias. Mas, essa pureza linguística esperada não é mais possível. A globalização desfez fronteiras e possibilitou uma miscelânea cultural. Como aponta Mey (1998, p. 88), já se vão os dias em que se podia ser um galileu (ou qualquer outra coisa) e somente isso. Assim, não é mais possível ser o índio idealizado pelos brancos e retratado nos livros didáticos. Desde o início da colonização, a interação entre índios e não índios foi marcado pela invasão constante dos territórios, imposição de uma cultura e língua diferentes, e interferências de diversas ordens. Estes, para se ajustarem ao meio, sofreram adaptações impostas pelo convívio com a sociedade envolvente. Nesse ajuste, aconteceram mudanças linguística e culturais, que podem ser vistas positiva ou negativamente.

Conforme o Núcleo Insikiran de Formação Indígena (2002), Roraima possui uma população indígena de aproximadamente 40 mil pessoas, falantes de aproximadamente treze línguas distintas, classificadas em

⁷³Posição defendida pelo Prof. Mestre Helder Perri Ferreira (Coordenador Projetos Documentação do yanomama e ninam/yaroamê) em mesa-redonda sobre *Documentação e preservação de línguas ameaçadas*, durante o I Seminário Intercâmbios de Estudos Linguísticos e Fronteiras, promovido pelo PPGL/UFRR em 22/06/2011.

tronco aruak; família karib e a língua yanomami formada por várias outras: sanuma, ninam, yanomae e yanomami. São falantes do karib em Roraima os seguintes povos: makuxi, y'ekuana (maiongong/makiritare), taurepang, waiwai, patamona, saporá, ingaricó e waimiri atroari. Os wapichanas (wapixanas) filiados ao arawak, contavam com cinco grupos dialetais, sendo que apenas o atoraiú ainda pode ser considerado dialeto falado, mas em processo de desaparecimento. Estes dados apontam uma das características da diversidade linguística do estado e, a partir destes, podemos perceber quantos e quão grandes são os desafios para se conhecer esta diversidade.

Além de essa ser uma região de fronteira, as políticas de colonização e ocupação do Estado proporcionaram o estabelecimento de povos diversos, com culturas diversas, fatos que proporcionam expressivos fenômenos linguísticos. Em relação à língua, as fronteiras geográficas não exercem as funções nelas prevista, a de delimitar a região e o espaço. As línguas, independentes de marcos territoriais, circulam, levam as suas características e trazem as características de outras. Em relação aos índios, e comum estes, além de sua língua materna, dominarem outras que sirvam para suas necessidades sociais. Sobre esse fato, o Núcleo Insikiran de Formação Indígena (2002, p. 23) descreve que,

além das línguas indígenas e portuguesa, os povos indígenas locais, em alguns casos, falam o espanhol e o inglês guianense, devido à proximidade física com a Guiana e a Venezuela. Em relação à utilização das línguas indígenas, encontramos casos diversos. Os yanomami são socializados na língua materna, sendo raros os casos de falantes bilíngues. Os y'ekuanas, waimiri atroari, ingaricó e waiwai utilizam a língua materna na comunicação cotidiana e na escola e a língua portuguesa é usada nas suas relações com a sociedade não indígena. (...) Quanto aos povos makuxi e wapichana (...) aproximadamente 60% dessa população não são falantes da língua materna e utilizam o português como primeira língua.

Estes contatos, em geral, trazem influências de diversas ordens para língua indígena, umas mais intensas, outras nem tanto. Santos (2006, p. 20), diz sobre a língua wapixana que, “o contato intenso com outras línguas, especialmente o makuxi e a língua portuguesa, em território brasileiro, não parece ter resultado em influência relevante na língua wapixana (...) estas se restringem a alguns poucos itens lexicais e a alguma influência de ordem fonética”. Mas de forma geral, todo contato gera mudanças, pois “as línguas estão sujeitas a grande número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte tendência à cons-

tante alteração” (RODRIGUES, 1986, p. 17). Esse autor defende ainda, que mudanças estruturais são comuns às línguas gerais⁷⁴. Disso, depende-se que o fato de haver interferências internas de ordem fonética, lexical, morfológica ou de outra ordem é característica de todas as línguas, não só nas línguas indígenas, pois elas não são estanques, evoluem.

Em relação aos aspectos sociolinguísticos, essas mudanças trouxeram de positivo aos indígenas, o bilinguismo e em alguns casos o multilinguismo. Essa, no meu ponto de vista, é uma das consequências mais significativas desses contatos. Para Amaral o bilinguismo ocasiona vantagens pessoais, sociais e cognitivas ao indivíduo⁷⁵. Neste caso, o índio bilíngue pode transitar em vários meios e, através do letramento, ampliar as possibilidades de atuações sociais. Também, entre outras vantagens, as comunidades bilíngues possuem maiores possibilidades de preservar seus direitos históricos, linguísticos e culturais.

Mas acredito que os contatos culturais estabelecidos pelos não índios exerceram grandes influências e mudanças principalmente na organização social dos índios. A migração indígena é um dos fatores que também contribuiu para o contato e interação cultural entre índios e não índios em Roraima. Penna (1998, p. 108) defende que a “migração acarreta mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária - notadamente na passagem de um ambiente rural ao urbano”. Ao longo de anos esse fenômeno social trouxe consequências positivas e negativas aos índios. Estes, em busca de melhores condições de vida e de acesso aos bens e serviços proporcionados pelos centros urbanos, deixaram e ainda deixam suas comunidades de origem. De forma que a nova forma de vida e organização social, em alguns casos promoveu a abdicação de costumes e em não raros casos, da sua língua.

Sousa e Silva (2006, p. 24) apontam o aumento da migração de indígenas como uma das mais perversas consequências do crescimento populacional do estado de Roraima. Um fator consequente dessa migração são as relações identitárias. As autoras descrevem em estudo sobre a

⁷⁴ RODRIGUES, Aryon. *Nossas línguas além do português*. Disponível em: <http://www.brazil-brasil.com/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=294>. Acesso em: 18-07-2011.

⁷⁵ Prof. Dr. Luiz Amaral (Universidade de Massachusetts). *Um modelo para a aquisição bilingue baseado em teorias sintáticas de base restritiva*. Minicurso ministrado durante o I Seminário Intercâmbios de Estudos Linguísticos e Fronteiras, promovido pelo PPGL/UFRR em 07-07-2011.

migração no estado que, durante a pesquisa, mesmo aqueles que apresentavam características indígenas para serem reconhecidos como tal, quanto solicitada sua identificação, uma minoria se dizia indígena, negação fruto de relações preconceituosas, pois a identificação indígena ou como descendente desses, dificultaria as relações sociais destes indivíduos.

Muitos deixaram de falar sua língua materna e passaram a falar somente o português, prática estabelecida de geração em geração, até que a língua portuguesa tornou-se a língua materna. Sobre os wapixanas, Santos (2006, p. 20) diz que, “uns poucos (índios) mais velhos, que moram em malocas distantes e de difícil acesso, falam apenas sua própria língua materna. Nos locais mais próximos aos centros urbanos, hoje predomina o monolingüismo em português, especialmente entre os mais jovens”. Mas hoje, em Roraima, há um forte movimento em prol da manutenção cultural e identitária desses povos, isto se concretiza nas políticas voltadas para os interesses indígenas e pela sua própria organização. Um reflexo disso foi criação do Núcleo Insikiran de Formação Indígena, cuja participação das organizações e comunidades indígenas locais foi imprescindível.

Para estas populações, a qualificação do ensino escolar das comunidades somente será alcançada se os professores receberem uma formação diferenciada, voltada para a realidade específica em que se inserem, assim como pelo seu próprio esforço por construir novos conhecimentos. Superar este desafio só será possível se construirmos um programa de formação com a participação destes povos, com vistas a atender seus projetos de futuro. Núcleo Insikiran de Formação Indígena (2002, p. 17)

Percebe-se então, como a educação formal, uma característica da cultura branca, tornou-se uma ação indispensável para manutenção das culturas indígenas.

Nota-se ainda como a língua é vista como item cultural de grande valor. Na percepção de Mey (1998) “a língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo. (...) é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se seus membros fossem sua boca.” Signorini (1998, p. 140) diz ser “comum estipular padrões classificatórios da língua para cada tipo de pessoa” e com bases neste princípio, um indígena que não fala sua língua pode causar estranheza, mas não acredito que o fato de falar ou não uma determinada língua seja preponderante para apontar quem é ou não índio. O sentir-se pertencente a certos grupos abrange vários fatores, a língua é apenas um deles.

5. Considerações finais

Os novos contatos trouxeram grandes perdas aos grupos indígenas, mas também trouxeram novas possibilidades, como o acesso a políticas públicas e à educação formal, o acesso ao letramento, e este por sua vez, possibilita a valorização da cultura e o fortalecimento étnico. Desta forma, observa-se que o fato de o isolamento cultural não fazer mais parte da vida de algumas comunidades, e de a língua materna não ser mais única e exclusiva, ou o português ser língua materna, não pressupõe perdas. Pelo contrário, observa-se que o acesso à cultura letrada e à novas formas de vida, de organização política e social também possibilitam a preservação, manutenção, de língua e cultura indígenas.

Como defende Maher (1998, p. 115) embora o português não seja visto como um marcador de identidade indígena, ele pode servir para manutenção de suas culturas. A autora cita Patrícia Kwatchka (1992) que aponta como exemplo, o grupo koyakan –índios do Alasca – que “embora tenham perdido sua língua tradicional mantiveram uma forte identidade indígena, fato que atribui, em grande parte à utilização de um inglês koyakan” (p. 134).

Diante do exposto, não há como manter homogêneos os meios sociais, as comunidades e sociedades. Não existem mais fronteiras que não possam ser desconstruídas. O que se pode fazer é utilizar esse fato em favor de uma política de construção identitária, que preveja o fortalecimento das culturas e línguas ainda existentes, através aquisição de novas práticas advindas do letramento, para que se possa comprovar, sem maiores sobressaltos que, aqui em Roraima, ou em qualquer outro lugar, pode-se ser índio falando o Português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIA

DIXON, Robert M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and linguistic typology: syntax and morphology*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

FREITAS, Aimberê. *Geografia e história de Roraima*. Boa Vista: DLM,

2001.

NÚCLEO Insikiran de Formação Superior Indígena. *Projeto político-pedagógico do curso licenciatura intercultural*. Boa Vista/RR, 2002. 53f. Universidade Federal de Roraima – UFRR.

MEY, Jacob I. Etnia, identidade e língua. Trad. Maria da Glória de Moraes. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

MEHER, T.M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes. O rio Branco no contexto da Amazônia Caribenha: aspectos da colonização europeia entre os séculos XVI e XVIII. In: *Relações Internacionais na Fronteira Norte do Brasil*. Coletânea de Estudos. Boa Vista: Edufr, 2008.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

RODRIGUES, Aryon. *Línguas brasileiras*: para o conhecimento de línguas brasileiras. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS. Manoel Gomes dos. *Uma gramática do wapixana (aruák)* – aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe. Campinas, 2006, 299 f. Tese (doutorado em linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SENFT, G. (Ed.). *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SIGNORINI, I. (Des)construindo bordas e fronteiras: letramento. In: _____. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SOUZA, Carla M., SILVA, Raimunda G da. (Orgs.). *Migrantes e migrações em Boa Vista*: Os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Cauamé. Boa Vista: Edufr, 2006.

VERAS, Antonio Tourino de Rezende. *A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima*. São Paulo, 2009. 235f. Tese (doutorado em geografia humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.